

# CÍCERO LEITOR DE XENOFONTE: UM EXEMPLO DE APROPRIAÇÃO DA CULTURA GREGA EM ROMA \*

Matheus Trevizam \*\*

Para a professora Dr<sup>a</sup>. Tereza Virgínia Barbosa

## **Resumo:**

*Neste artigo, discutimos como, em reflexo da formação e das leituras de obras gregas por Cícero, Xenofonte de Atenas foi assimilado ao diálogo Cato Maior. Tal assimilação se dá, por exemplo, no trecho constituído pelo parágrafo 59 da obra latina, que Cícero adaptou de Econômico IV, 20 et seq.*

**Palavras-chave:** Cícero; Xenofonte; cultura grega; cultura romana; adaptação.

## **I. Introdução e delimitação do tema: reflexos da formação grega de Cícero no diálogo *Cato Maior***

Pronunciar-nos sobre a presença da cultura grega, ou, em específico, da obra de Xenofonte de Atenas no diálogo **Cato Maior**, de Marco Túlio Cícero, parece-nos representar uma chance de contato privilegiado com o assunto dos modos de assimilação do legado cultural da Hélade por um culto romano de fins do período republicano. De início esclarecemos que, embora o protagonista dessa pequena obra ciceroniana corresponda a uma das mais emblemáticas figuras da *latinidade* antiga,<sup>1</sup> muito há de *grego* em variados níveis da estruturação do texto.

---

\*Recebido em 05/11/2013 e aceito em 12/12/2013.

\*\* Professor de Língua e Literatura Latina na Faculdade de Letras da UFMG.

A própria forma eleita por Cícero para dar vazão a sua defesa da velhice contra as quatro acusações a ela imputadas pelos néscios<sup>2</sup> já favorece divirmos um elemento de cultura grega incorporado à trama do **Cato Maior**. Referimo-nos, com isso, à escolha pelo autor do modelo dialógico para veicular os conteúdos apologeticos em nexos com o tema da velhice, como acima o anunciamos, pois ele sabidamente surgiu na Grécia,<sup>3</sup> em contextos já imbuídos de significações filosóficas: embora a questão da exata “paternidade” dos diálogos no Ocidente permaneça algo encoberta para nós modernos, os mais antigos “espécimes” conservados desta categoria compositiva da literatura antiga correspondem, pelo que se tem notícia, aos textos do *corpus* platônico,<sup>4</sup> com importantes obras como o **Banquete**, o **Fédon**, o **Mênon**...

Importa aqui ressaltar que, no **Cato Maior**, Cícero não se mantém vinculado ao modelo dialógico que iniciara seu “fundador”, vale dizer, ao diálogo *socrático* como o praticou Platão. Em vez disso, o Arpinate preferiu vincular-se ao chamado *Aristotelius mos* (LAURENTI, 1987, p. 56),<sup>5</sup> que se diferencia do padrão antes mencionado por algumas fundamentais características: primeiramente, sabemos que os “diálogos aristotélicos” não se constroem pelo mecanismo da maiêutica, ou seja, pelo frequente e provocador questionamento às personagens cujas opiniões se deseja abalar, neles se preferindo atribuir a palavra aos interlocutores por turnos mais longos, até terem eles “esgotado” as próprias ideias. Por outro lado, a figura dos autores dos diálogos *em geral* é introduzida para “contracenar” com as demais quando se trata de obras construídas segundo os ditames aristotélicos,<sup>6</sup> no que muito se diferenciam daquelas socráticas, justamente assim chamadas porque, no interior do *corpus* platônico, atribuiu-se à personagem de Sócrates, não ao próprio Platão/ autor, o papel de proceder à maiêutica; ainda, nos diálogos aristotélicos, muitas vezes a figura do autor se insere com funções de conduzir a grande “orquestração” fictícia e conceitual que se descortina perante os olhos do público, pois chega a influenciar, como autoridade, nos rumos da discussão.<sup>7</sup> Note-se também que os diálogos aristotélicos contêm *prólogos* (que, de resto, integram ainda os gêneros dramáticos) ao início do(s) livro(s) de que se compõem, partes essas supostamente alheias ao plano ficcional apenas iniciado em seguida, com a efetiva “entrada em cena” dos interlocutores. O mesmo não se passa quando temos em mente os diálogos socráticos, já que, aqui, ocorre quer a inicial intervenção de um narrador, quer uma estruturação dos textos que pode até prescindir de sua presença, sem mais aparatos construtivos...<sup>8</sup>

Outro elemento helênico do diálogo **Cato Maior**, além da forma literária à maneira de Aristóteles, diz respeito à inscrição da obra entre os escritos *filosóficos* de Cícero: na verdade, considera-se que o autor o concluiu em algum momento prévio aos Idos de março de 44 a.C., quando na prática já se encontrava alijado da vida política romana,<sup>9</sup> depois dos contínuos avanços de Caio Júlio César. Trata-se de uma fase da vida – e da produção intelectual – ciceroniana, sobretudo marcada por seu cauteloso recolhimento diante das circunstâncias políticas adversas, sem tanto espaço para lutar na arena pública em meio a virulentas arengas oratórias. César, por sinal, um ano antes de seu assassinato, acabara de consolidar-se ainda mais no poder com a vitória na Batalha de Munda (17 de março de 45 a.C.), em que sufocou os derradeiros reminiscentes do partido pompeano (GIORDANI, 1968, p. 59).

Apesar de tudo, para Jean-Noël Robert, prefaciador da edição de 2003 do diálogo ciceroniano de que presentemente nos ocupamos, certos elementos da obra permitem ao leitor atento divisar que, além do tema ostensivo da velhice, o qual se insere na tradição antiga da literatura consolatória,<sup>10</sup> agregam-se ao texto claros ecos afins à *reflexão política* (ROBERT, 2003a, p. 11 *et seq.*). Vale lembrar, a esse respeito, o parentesco a unir Catão, o Velho, protagonista da obra analisada, e o assim chamado Catão de Útica, bisneto daquele: ora, a história registra que essa última personagem, um ferrenho defensor dos valores republicanos, preferiu estoicamente suicidar-se (46 a.C.)<sup>11</sup> a render-se a Júlio César depois da vitória dele na Batalha de Tapso, localidade situada no norte da África. Ocorre que, como um dos líderes militares do partido senatorial dos *Optimates*, não tolerou o sucesso cesariano em uma causa na qual, para os padrões tradicionais latinos, havia o tom da ilegalidade (GIORDANI, 1968, p. 59).

Desse modo, a proximidade deste evento “heroico” da escrita do **Cato Maior**, ainda acrescida da aura de forte tradicionalismo e respeito às estruturas romanas de poder associável à personagem histórica do Censor,<sup>12</sup> contribuiu para a intensificação recíproca dos significados *modelares* de ambas as personagens, no sentido de sempre terem elas correspondido a homens em harmonia com o ideário dos conservadores a respeito de qual deveria ser a atuação política dos “bons” cidadãos. E não é inútil frisar que tais modelos de conduta encontram em César um polo de atuação diametralmente oposto, por ter este preferido, já no retorno de sua vitoriosa campanha de conquista das Gálias, a via do *desafio* aos valores políticos vigentes.<sup>13</sup> Então, por meio da feitura do **Cato Maior**, obra a que se agre-

gam testemunhos sobre o entender e a conduta exemplarmente alinhados do Censor – os quais incluem a renúncia a si em prol da coletividade,<sup>14</sup> a postura de um defensor do *mos maiorum*<sup>15</sup> e a resistência, até o fim da vida, em manter-se longe de quaisquer “modismos” –,<sup>16</sup> ou daqueles a quem admirou,<sup>17</sup> realiza-se uma crítica sutil aos modos de condução dos homens públicos coevos à própria escrita do diálogo, em especial a Júlio César.

Também há que ressaltar a incorporação temática de variados referenciais literário-filosóficos helênicos – entre eles evidentemente se incluindo Xenofonte – nas linhas do **Cato Maior** de Cícero, de maneira, até, incompatível com os modos de pensamento do protagonista do texto,<sup>18</sup> em clara distorção histórica de sua imagem. Reservando-se os comentários sobre a participação do próprio Xenofonte na tessitura das “citações” do diálogo aqui analisado para as seções subsequentes deste artigo, referimos sucintos que pensadores gregos como Platão, Aristóxeno de Tarento, Aríston (o estoico de Quios ou o peripatético de Ceos?), Demétrio, Teofrasto, Isócrates e Heródoto fazem sentir suas marcas na mesma obra ciceroniana (ROBERT, 2003b, p. 100-102 e WUILLEUMIER, 1961, p. 41 *et seq.*). Robert, em seu “Anexo I” à edição de 2003 do **Cato Maior**, atribui a ecos platônico o que lemos nos parágrafos 6-8, 46-47 e 77 do texto latino. Essas passagens do autor romano, como explica, remetem o leitor de Cícero a certo trecho da **República** de Platão, em que Sócrates e Céfalo conduzem uma discussão sobre o tema da velhice (ROBERT, 2003b, p. 101).<sup>19</sup>

Aristóxeno de Tarento, que compusera uma biografia de Platão, nela cometendo vários erros de cronologia, é apontado (ROBERT, 2003b, p. 101) como provável inspirador do que se lê nos parágrafos 49-51 do **Cato Maior**, cujo conteúdo versa a respeito da superioridade dos prazeres intelectuais (ou “agrícolas”, de contemplativo contato com as belezas do mundo natural, em inícios do parágrafo 51) diante daqueles meramente físicos. Os três gregos da sequência, Aríston, Demétrio e Teofrasto, são, nos dois últimos casos, autores de obras sobre a velhice – pois Teofrasto inclusive compusera, além de um livro em que abordava o tema da amizade e foi “base” para o *De amicitia* ciceroniano, como observara Aulo Gélio,<sup>20</sup> um Περὶ γήρωος –, por sua vez cabendo ao primeiro, caso compreendido como o filósofo peripatético, talvez contribuir com as doutrinas de sua escola para a tessitura temática de passagens doutrinariamente afins do **Cato Maior** [como os parágrafos 77-78, a que Robert *não* atribui “colorações” estoicas quando tratam da imortalidade da alma

(ROBERT, 2003b, p. 102)]. Enfim, “ecos” de Isócrates e Heródoto são respectivamente incorporados aos parágrafos 13 e 69 do **Cato Maior**, em retomada de **Panatenaico** I do primeiro e das **Histórias** (I, 163) do segundo (WUILLEUMIER, 1961, p. 46 e 47):

*O autor menciona também o **Panatenaico** de Isócrates e traduz uma frase sua. Ele já fazia alusão a essa obra no **Orator**, em termos que implicam uma leitura pessoal. Enfim, o exemplo de Argantonio parece tomado de Heródoto, que o menciona nos mesmos termos, enquanto os outros relatos derivam de uma fonte diferente.*

## II. Xenofonte de Atenas e sua geral incorporação à trama das citações do **Cato Maior** ciceroniano

O autor grego cujas relações procuramos “mapear” no diálogo **Cato Maior** foi escritor, além de cidadão, de multifacetadas características. Nascido na cidade de Atenas, de uma família registrada no demo de Erquia, em algum momento posterior a 430 a.C.,<sup>21</sup> Xenofonte parece ter sido o único filho de seus pais e recebido, sob os cuidados de um pedagogo, a educação dos jovens gregos de sua época, a qual incluía, além do estudo de poetas como Homero e Teógnis, a música e a ginástica (ANDERSON, 1974, p. 15).

Tendo provavelmente sido treinado na aristocrática cavalaria do exército ateniense ainda em sua juventude, participou da guerra contra os espartanos na própria Ásia Menor, sob o comando de Alcibíades ou Trásilo (408 a.C. – ANDERSON, 1974, p. 18). Não se sabendo se de fato caiu como prisioneiro de guerra, vemo-lo de volta a Atenas já em 405 a.C., onde pôde assistir em 404 a.C. à derrota e rendição da pátria em eventos que relata, de forma emocionada, nas **Helênicas** (II, II, 3-4).<sup>22</sup>

Também se notabilizou sua associação militar com Ciro, o jovem, que partira em campanha contra seu irmão, o imperador Artaxerxes II, em disputa pelo trono da Pérsia (401 a.C.). Na subsequente Batalha de Cunaxa, embora os gregos de Ciro se avantajassem e forçassem o inimigo a bater em retirada, a estratégia do príncipe acabou resultando em sua morte, como nos descreve Anderson:

*Parece que Ciro matou com suas próprias mãos Artagerxes, o comandante da guarda, e avançou em direção a seu irmão, que feriu e privou do cavalo. Mas sua impetuosidade e seu obstinado cavalo*

*de batalha levaram-no ainda mais fundo às fileiras inimigas. Ele estava de cabeça desprotegida, e usara suas duas lanças. Muitos dos homens do Rei renderam-se a ele, mas no tumulto e crescente escuridão ele foi, primeiro, ferido sobre as têmporas; depois, enquanto tentava abrir caminho a pé com o auxílio de poucos amigos que tinham ficado consigo, morto por um peão comum. Sua dinastia morreu com ele.* (ANDERSON, 1974, p. 107-108)

Tal desfecho, segundo o testemunho do próprio Xenofonte da **Anábese**, acarretou a dispersão da resistência contra o poder persa estabelecido (ANDERSON, 1974, p. 113). Assim, depois de sucessivas partições da liderança entre os generais remanescentes do exército de Ciro – os “Dez Mil” –, esse escritor e militar ascendeu a seu comando, pelo que se encarregou de chefiar o duro caminho de retorno da Mesopotâmia a Trapezunte, nas costas do Mar Negro (ANDERSON, 1974, p. 120 *et seq.*). Enfim, banido de Atenas por ter lutado contra ela em Coroneia como mercenário, sob o rei espartano Agesilau (ANDERSON, 1974, p. 162 *et seq.*), morreu provavelmente em Corinto, após 356 a.C.

Por outro lado, em sua produção intelectual, distinguem-se as obras históricas (**Anábese**, **Ciropédia**, **Helênicas**, **Agesilau**), socráticas (**Ditos e feitos memoráveis de Sócrates**, **Simpósio**, **Apologia de Sócrates**, **Econômico**)<sup>23</sup> ou outras, de caráter tratadístico (**Da equitação**, **A constituição de Esparta...**). Dentre todas as obras de Xenofonte, no entanto, mais nos interessa o **Econômico**, por suas grandes afinidades com o fundo agrário e moralizante do **Cato Maior**, o que levou Cícero a servir-se, com razoável frequência, de passagens desse livro, funcionalmente inseridas no novo contexto da literatura latina.<sup>24</sup> Resumidamente, pode-se explicar que o **Econômico** é um diálogo socrático no qual a personagem desse filósofo antigo se encarrega de preceituar a Critóbulo, cidadão ateniense, sobre como se passa a boa administração do οἶκος, ou o conjunto dos bens sob a responsabilidade do chefe de família, incluindo as posses móveis e imóveis, mulher, filhos e escravos domésticos.<sup>25</sup> O meio de que se serve Sócrates para a consecução de tal objetivo vincula-se à evocação de uma conversa passada que tivera com um terceiro, Iscômaco, gentil-homem<sup>26</sup> tido por bom “economista”, no sentido de administrador de seus assuntos de família.

A leitura da interação entre o filósofo e essa personagem revela, na obra em pauta, uma caracterização socrática com fortes tons de *praticida-*

de, pois os assuntos de que trata com Iscômaco para informar-se, os quais incluem a divisão de tarefas entre o marido e a esposa (respectivamente ocupados da organização do que se faz fora e dentro da morada familiar) e ramificações tão miúdas quanto o meio de escolher uma boa “governanta” (ταμίαια- IX, 11), assim lhe esboçam os contornos.<sup>27</sup> Desejamos, portanto, frisar o caráter algo inusitado desse livro de Xenofonte, pois que transforma Sócrates, do usual inquiridor platônico das arraigadas opiniões de seus contemporâneos, em *aluno* e, com a transmissão a Critóbulo dos saberes recebidos de Iscômaco, em *mestre* de “economia”.

As passagens do **Cato Maior** às quais os filólogos atribuem a “influência” de Xenofonte abundam, como dissemos, devendo-se de início acrescentar que o **Econômico** não corresponde ao único referencial do predecesor grego que Cícero adotou ao compor o texto próprio. Em sua introdução crítica à edição de 1961 da obra latina, Pierre Wullemier ainda menciona a incorporação ao diálogo de passagens da **Ciropédia** (VIII, 7, 17-22),<sup>28</sup> do **Simpósio** (II, 26 – C. M. 46) e dos **Ditos e feitos memoráveis de Sócrates** (II, 1, 33 e III, 5, 15 – C. M. 26, 63):

*Assim como continua a precisar, toma da Ciropédia o começo do parágrafo 30 e os parágrafos 79-81. De novo, modifica seu modelo: divide-o em dois fragmentos; torna o tom mais afetuosos; elimina do discurso tudo o que não diz respeito à imortalidade da alma; precisa, desenvolve e transforma o que tem nexos com isso, por numerosas adições. Mas, como os elementos novos ainda se encontram em sua obra anterior, ele já mencionara frequentes vezes a Ciropédia e conservou dela o exemplo de um herói idealizado, não é mais o caso de admitir com H. Kroeger o uso de um tratado intermediário. (WULLEUMIER, 1961, p. 44-45)*

No comentário de Cambridge às mesmas passagens do **Cato Maior**, Powell<sup>29</sup> também ressaltou o considerável grau de liberdade de que Cícero se serviu ao “reescrever” a **Ciropédia**: ocorre, com efeito, no parágrafo 79, no qual o Arpinate versa a respeito da imortalidade da alma, que ele se faça mais assertivo sobre tais assuntos que o antecessor grego,<sup>30</sup> elimine, por contextual reforço do “otimismo”, a ideia da suposta punição futura aos maus pelas vítimas mortais que fizeram injustamente,<sup>31</sup> talvez acrescentando ideias oriundas de outras fontes (POWELL, 2004, p. 258).

Quanto, por sua vez, à entrada de trechos dos mais numerosos pontos do **Econômico** no diálogo ciceroniano, poder-se-ia precisamente localizá-los com os críticos nos parágrafos 51 (prazeres da agricultura e sua conformidade à vida do sábio, a contínua “abertura de conta” dos agricultores com a natureza, que em geral lhes devolve com lucros consideráveis os recursos confiados, utilidade e deleitoso caráter dos trabalhos agrícolas para a humanidade, passagem das sementes a ervas; WUILLEUMIER, 1961, p. 42 – com remissões às seguintes passagens do **Econômico**: VI, 8 e XVI, 9/ V, 8 e XX, 13/ V, 1, VI, 11 e XV, 4/ XVII, 10. Veja-se também ROBERT, 2003b, p. 100), 52-53 (crescimento das vinhas; WUILLEUMIER, 1961, p. 42 – com remissão à seguinte passagem do **Econômico**: XIX, 18), 53-54 (adubação do solo; WUILLEUMIER, 1961, p. 42 – com remissão à seguinte passagem do **Econômico**: XX, 3-4), 54 (rebanhos nas pastagens; WUILLEUMIER, 1961, p. 43 – com remissão à seguinte passagem do **Econômico**: V, 3), 54 (enxames de abelhas; WUILLEUMIER, 1961, p. 43 – com remissão à seguinte passagem do **Econômico**: VII, 32-33), 56 (a agricultura como fonte da vida para os homens; WUILLEUMIER, 1961, p. 43 – com remissão às seguintes passagens do **Econômico**: V, 2 e VII, 19), 56 (caça; WUILLEUMIER, 1961, p. 43 – com remissão à seguinte passagem do **Econômico**: V, 5) e 57 (benefícios do campo; WUILLEUMIER, 1961, p. 43 – com remissão à seguinte passagem do **Econômico**: V, 9); ainda mencionamos o parágrafo 59, no qual Cícero se apropria, à sua maneira, de certo relato contido em **Econômico** (IV, 20 *et seq.*).

Embora o parágrafo 51 da obra ciceroniana concentre o maior número de “retomadas” do **Econômico**, conforme acima se depreende da própria exposição dos subtópicos internos à rubrica que com ele se identifica, desenvolveremos, na seção seguinte do artigo, o tema dos modos de reelaboração do autor romano diante do material linguístico-literário que assimilou do grego ao próprio parágrafo 59 do **Cato Maior**. Explica-se por desta feita se tratar em latim, bem como em grego, de uma pequena anedota vinculada à biografia do jovem Ciro, príncipe da Pérsia, e, portanto, de duas narrativas, o que propicia cotejá-las não só sob o aspecto tradutório/da linguagem, mas ainda da construção do(s) relato(s).



### III. Comentário comparativo de Xenofonte, *Econômico* IV, 20 et seq. e Cícero, *Cato Maior* 59

Os excertos supracitados das obras de Xenofonte e Cícero, que o repercutem em postura de um admirador, revestem-se de sentidos eminentemente *éticos*: ora, trata-se sempre de um episódio vinculado à visita a Ciro, o jovem, por Lisandro lacedemônio, certo general que viera ter com ele em Sárdis a fim de entregar-lhe os presentes dos aliados (ἄγων αὐτῷ τὰ παρὰ τῶν συμμέχων δῶρα/ *eique dona a sociis attulisset*). Desse modo, o soberano mostrou-se amigável para com Lisandro, fazendo-o inclusive entrar para uma visita ao παρόδεισος, ou o jardim à maneira oriental de que era senhor.

Durante essa estada do lacedemônio no dito jardim, maravilharam-no alguns detalhes cuidadosamente arranjados, como o viço das árvores (καλὰ... τὰ δένδρα/ *proceritates arborum*), a regularidade de suas fileiras de plantio (ὀρθοὶ... οἱ στίχοι τῶν δένδρων.../ *et directos in quincuncem ordines*) e a doçura dos muitos perfumes que exalavam das plantas enquanto se caminhava pelas veredas do lugar (ὄσμαϊ δὲ πολλοὶ καὶ ἡδεῖαι συμπαραομαρτοῖεν αὐτοῖς περιπατοῦσι/ *et suavitatem odorum qui adflarentur e floribus*). Mas, como revela a Ciro,

Ἴ Αλλ' ἐγὼ τοι, ὦ Κῦρε, πάντα μὲν <ταῦτα> θαυμάζω ἐπὶ τῷ κάλλει, πολὺ δὲ μᾶλλον ὄγαμαι τοῦ καταμετρήσαντος σοὶ καὶ διατόξαντος ἕκαστα τούτων. (XENOFONTE. **Econômico** IV, 21)<sup>32</sup>

A sequência da anedota, para a grande surpresa do grego, indica a ele que Ciro, na verdade, fora o próprio idealizador/ “arquiteto” daquelas maravilhas, além de ter plantado, com suas próprias mãos, determinadas árvores do jardim.<sup>33</sup> Tais belas realizações, em que não se ausenta o caráter braçal inerente aos duros labores dos *agricolae* de todos os tempos e lugares, ainda provieram da direta iniciativa de alguém, além de nobilitado por sua altíssima posição na sociedade persa, não desprovido de atrativos e igualmente apto aos rudes afazeres bélicos:

Καὶ ὁ Λύσανδρος ἔφη, ὀποβλέψας εἰς αὐτὸν καὶ ἰδὼν τῶν τε ἱματίων τὸ κάλλος ὧν εἶχε καὶ τῆς ὀσμῆς αἰσθόμενος καὶ τῶν στρεπτῶν καὶ τῶν ψελίων τὸ κάλλος καὶ τοῦ ὄλλου κόσμου οὐ εἶχεν, εἶπεῖν·

Τί λέγεις, φάσαι, ὦ Κῦρε; ἦ γὰρ σὺ ταῖς σαῖς χερσὶ τούτων τι ἐφύτευσας; καὶ τὸν Κῦρον ὑποκρίνασθαι· Θαυμάζεις τούτο, [ ἔφη, ] ὦ Λύσανδρε; ὁμνυμί σοι τὸν Μίθρην, ὅταν περ ὑγιαίνω, μηπώποτε δειπνήσαι πρὶν ἰδρῶσαι ἢ τῶν πολεμικῶν τι ἢ τῶν γεωργικῶν ἔργων μελετῶν ἢ ἄεὶ ἔν γέ τι φιλοτιμούμενος. (XENOFONTE. *Econômico* IV, 23-24)<sup>34</sup>

O término das passagens grega e latina que aqui cotejamos, como se nota abaixo pela leitura da nota 41, faz-nos ver, enfim, que a positiva admiração do lacedemônio encontra um foco de todo preciso para canalizar-se, e que tal foco corresponde à própria pessoa de Ciro. Isso justifica as derradeiras palavras do visitante ao anfitrião, as quais, na versão original e na ciceroniana, de um modo ou de outro põem em destaque as “justas” (*δικαίως/ rite uero*) relações entre a forma de proceder do nobre e sua felicidade.

Se algum mínimo esforço interpretativo ainda se voltasse à elucidação do essencial dos sentidos de uma e outra versão sob análise, dir-se-ia que o movimento de ambas de início privilegia uma imprecisa ideia de maravilhamento sensorial, a qual logo se desdobra em admirar-se de algo mais abstrato, ou seja, as capacidades do idealizador do espaço físico em jogo. Por outro lado, segue-se uma inusitada descoberta, a de que o próprio príncipe, do alto de sua nobreza e vigor, fora ele mesmo quem planificara o jardim, além de responsabilizar-se, em parte, por sua efetiva construção material. Disso resulta externalizar-se a boa impressão inicial em um elogio *in presentia* do merecedor, no qual inclusive se diz que os bons *fazem por merecer* a felicidade de que desfrutam.<sup>35</sup>

Do ponto de vista, propriamente, do tipo de relação de dependência estabelecida entre a versão original do relato, no ático de Xenofonte, e sua contraparte na Roma clássica de Cícero, importa primeiro observar que nem sempre nos encontramos diante de um fiel gesto de traduzir: como nos explica Rónai, por *tradução* (intra-lingual) se compreende a “reformulação de uma mensagem num idioma diferente daquele em que foi concebida” (RÓNAI, 2012, p. 19). Parece-nos que “reformular” significa, nos dizeres desse estudioso, fazer apresentarem-se as “mesmas” ideias aproximadas de maneiras distintas, pois dois sistemas linguísticos diferentes jamais se equivalem por inteiro.<sup>36</sup> Dessa maneira, quando se suprimem ou acrescentam demasiados detalhes, ou até passagens inteiras do original em certo idioma, tomado como ponto de partida para o exercício de recriação em

*outro* – caso notório de grande parte do trecho ciceroniano que se identifica com o parágrafo 59 do **Cato Maior** –, mais correto ainda acreditamos, com um comentador como Powell, falar de maneira geral em “adaptação” de uma fonte por seu sucedâneo.<sup>37</sup> Também não cremos que se possa propriamente falar, quando consideramos o *todo* do parágrafo 59 desse diálogo de Cícero, não eventuais detalhes, em algo como uma tradução, se não *de uerbo* (“palavra por palavra”), ao menos conservadora, de modo mais abstrato, do *conjunto* das ideias do original: fazendo a observação de que o próprio autor romano conheceu e pronunciou-se sobre tais formas diferentes de traduzir,<sup>38</sup> reiteramos a existência de demasiadas liberdades em sua versão do relato aqui comentado – de resto, bem mais sintética que a grega! – para que se legitime semelhante ponto de vista.

O exame mais detido das duas versões para nós significativas no caso da presente análise, porém, pode conduzir-nos com maior precisão a apreciar os procedimentos de Cícero diante do legado do autor grego. Uma tabela proposta por Powell para o cotejo das duas versões da visita de Lisandro ao jovem Ciro, que abaixo reproduzimos fracionadamente, presta-se, assim, a nosso refinamento de olhares:

Οὗτος τοίνυν ὁ Κῦρος λέγεται Λυσάδρω, ὅτε ἦλθεν ἄγων αὐτῷ τὰπαρὰ τῶν συμμάχων δῶρα, ἄλλα τε φιλοφρονεῖσθαι.  
(XENOFONTE. **Econômico IV**, 20)<sup>39</sup>

*Cyrum minorem, Persarum regem, praestantem ingenio atque imperi gloria, cum Lysander Lacedaemonius, uir summae uirtutis, uenisset ad eum Sardis eique dona a sociis attulisset, et ceteris in rebus comem erga Lysandrum atque humanum fuisse.* (CÍCERO. **Cato Maior** 59)<sup>40</sup>

Como primeiras observações no cotejo mais próximo entre Cícero e Xenofonte, nota-se que o autor romano acrescenta várias características associáveis a Ciro, a exemplo dos dados “rei dos persas” (o que, por sinal, ele nunca foi!) e “destacando-se pela capacidade e pela glória do poder”; além disso, não havia no grego, evidentemente, qualquer aposto elogioso aplicado ao próprio Lisandro. Também se há que observar que o conciso infinitivo aoristo médio φιλοφρονεῖσθαι (literalmente, “ter tratado/ acolhido com bondade”) se desdobra nos adjetivos latinos *comis* e *humanus*, igualmente qualificativos do próprio Ciro. Segundo observação de Powell, no mesmo comentário de Cambridge ao **Cato Maior**, no entanto, *regem*

e *praestantem... gloria* “ecoam” εὐδοκιμώτατος δὴ βασιλεύς (“o mais ilustre, em verdade, dos reis”) de **Econômico** IV, 16, passagem anterior à que aqui privilegiamos no recorte analítico.

ὡς αὐτὸς ἔφη ὁ Λύσανδρος ξένῳ ποτέ τιτι ἐν Μεγάρῳσι διηγούμενος, καὶ τὸν ἐν Σάρδεσι παρόδεισον ἐπιδεικνύουσι αὐτὸν ἔφη. ἐπεὶ δὲ ἐθαύμαζεν αὐτὸν ὁ Λύσανδρος ὡς καλὰ μὲν τὰ δένδρα εἶη, δι’ ἴσου δὲ πεφυτευμένα, ὀρθοὶ δὲ οἱ στίχοι τῶν δένδρων, (XENOFONTE. **Econômico** IV, 20-21)<sup>41</sup>

*et ei quendam consaeptum agrum diligenter consitum ostendisse; cum autem admiraretur Lysander et proceritates arborum et directos in quincuncem ordines.* (CÍCERO, **Cato Maior** 59)<sup>42</sup>

A sequência faz-nos ver o total apagamento ciceroniano da informação relativa a ter Lisandro, certo dia, contado o encontro com Ciro a um “hóspede de Mégara”. Por outro lado, a informação de localizar-se o jardim em Sárdis fora antes dada por Cícero em complementação ao verbo *uenire* da passagem prévia, enquanto, em Xenofonte, claramente se vincula de imediato à ideia do próprio horto [τὸν ἐν Σάρδεσι παρόδεισον – “o paraíso (que possuía) em Sardes”]. A expressão latina *cum autem admiraretur* (“mas admirando”, na estrutura de “*cum* narrativo” mais imperfeito do subjuntivo), por sua vez, presta-se com relativa acuidade a traduzir *πεὶ δὲ ἐθαύμαζεν* (literalmente, “e quando admirou”), pois, nos dois casos, expressam-se matizes temporais. Ocorrem, todavia, outras diferenças no mesmo trecho: de início, o que Lisandro admira, em grego, é a geral beleza das árvores (ὡς καλὰ μὲν τὰ δένδρα εἶη), enquanto, em Cícero, passa-se logo à admiração de detalhes como a “altura” das plantas e as “fileiras alinhadas em quincunce”. Ainda, eram as árvores, em Xenofonte, “belas” ou “saudáveis” (καλὰ) – o que pode levar à interpretação de Cícero para “altas”! –, suas fileiras eram “retas” (ὀρθοί), não “alinhadas em quincunce”,<sup>43</sup> e os mesmos vegetais foram “plantados em distâncias iguais” (δι’ ἴσου δὲ πεφυτευμένα), ideia, a rigor, não de todo explicitada por Cícero. Poder-se-ia, porém, considerar que seu *et directos in quincuncem ordines* abrange e resume os dizeres do grego no trecho completo δι’ ἴσου δε... εὐγώνια δὲ πάντα καλῶς εἶη, pois nele estão em jogo as noções de *regularidade espacial* também encontradas na *soma* das expressões gregas...

εὐγώνια δὲ πάντα καλῶς εἶη, ὀσμαιὶ δὲ πολλαὶ καὶ ἡδεῖαι  
συμπαρομαρτοῖεν αὐτοῖς περιπατοῦσι (XENOFONTE.  
**Econômico IV, 21**)<sup>44</sup>

*et humum subactam atque puram et suavitatem odorum qui adfla-  
rentur e floribus.* (CÍCERO. **Cato Maior 59**)<sup>45</sup>

O novo cotejo dos trechos imediatamente acima evidencia o acréscimo ciceroniano do detalhe de estar o chão “lavrado e limpo”, bem como o fato de o escritor latino ter optado por mostrar-nos os cheiros “emanando” diretamente das *flores*, enquanto em Xenofonte esse último pormenor botânico é omitido, e os bons odores “acompanham” (συμπαρομαρτέω), de modo vago, os dois caminhantes.

καὶ ταῦτα θαυμάζων εἶπεν· Ἄλλ' ἐγὼ τοι, ὦ Κῦρε, πάντα μὲν  
< ταῦ- τα > θαυμάζω ἐπὶ τῷ κόλλει, πολὺ δὲ μᾶλλον ὄγαμαι  
τοῦ καταμετρήσαντος σοι καὶ διατόξαντος ἕκαστα τούτων.  
(XENOFONTE. **Econômico IV, 21**)<sup>46</sup>

*tum eum dixisse mirari se non modo diligentiam sed etiam sol-  
lertiam eius a quo essent illa dimensa atque discripta.* (CÍCERO.  
**Cato Maior 59**)<sup>47</sup>

Desta vez, podemos primeiro dizer que Cícero eliminou por inteiro o emprego do discurso direto tal qual havia no autor grego, identificando-se ali com certa fala de Lisandro ao príncipe. Além disso, enquanto no grego há admiração por todas as coisas divisadas em razão de sua beleza (ἐπὶ τῷ κόλλει), bem como pelo ato de “invejar” (ὄγαμαι) aquele responsável por ter planejado e disposto os itens do espaço do jardim, o escritor romano optou por atribuir ao lacedemônio diretamente admirar-se das qualidades do “paisagista”, a saber, sua *diligentia* (“esforço”) e *sollertia* (“habilidade”). Por outro lado, os participípios passados latinos *dimensa* e *discripta* em parte se equivalem, semanticamente, aos participípios aoristos gregos καταμετρήσαντος (“aquele que mediu”, “aquele que repartiu”, no genitivo) e διατόξαντος (“aquele que dispôs”, *idem*).

ἀκούσαντα δὲ ταῦτα τὸν Κῦρον ἡσθῆναι τε καὶ εἰπεῖν· Ταῦτα  
τοῖνυν, ὦ Λύσανδρε, ἐγὼ πάντα καὶ διεμέτηρα καὶ διέταξα,

ἔστι δ' αὐτῶν, φάσαι, ἃ καὶ ἐφύτευσα αὐτός. (XENOFONTE. **Econômico IV, 22**)<sup>48</sup>

*et Cyrum respondisse: "Atqui ego ista sum omnia dimensus; mei sunt ordines, mea discriptio, multae etiam istarum arborum mea manu sunt satae".* (CÍCERO. **Cato Maior 59**)<sup>49</sup>

Essas passagens grega e romana fazem-nos agora divisar, inclusive, que Cícero não mantém exatamente a mesma “estrutura alusiva” dos dizeres de Xenofonte, no qual os verbos conjugados *διεμέτρησα* (“planejei”) e *διέταξα* (“dispus”) retomam os participios aoristos vistos há pouco. Nele, com efeito, embora o pretérito perfeito *dimensus sum* cite o participio *dimensa* da seção anterior, *discriptio* (“disposição”), que se encontra coordenado com *ordines* (“fileiras”), corresponde a um substantivo, não mais a uma forma verbal. Também se há que acrescentar o que nos parece atender aos usos expressivos mais concretos da dicção ciceroniana no trecho em pauta, pois, desta vez, muitas das árvores foram plantadas pela “própria mão” (*mea manu*) de Ciro, todavia havendo dito Xenofonte que “aquele mesmo” as plantara (*ἐφύτευσα αὐτός*), com o contextual apagamento do detalhe anatômico do latim. Uma observação de Powell (2004, p. 229), contudo, faz-nos lembrar que Xenofonte haveria de servir-se do equivalente grego da mesma expressão latina na sequência de seu texto (*ταῖς σαῖς χερσὶ*, veja-se abaixo), o que vem a confirmar-nos o procedimento ciceroniano, quando adaptou este seu predecessor, de deslocar palavras entre diferentes partes da narrativa, como já vimos, por exemplo, ao comentar o “encaixe” do dado relativo à localização do horto em Sárdis em um e outro autor.

καὶ ὁ Λύσανδρος ἔφη, ἀποβλέψας εἰς αὐτὸν καὶ ἰδὼν τῶν τε ἱματίων τὸ κάλλος ὧν εἶχε καὶ τῆς ὀσμῆς αἰσθόμενος καὶ τῶν στρεπτῶν καὶ τῶν ψελίων τὸ κάλλος καὶ τοῦ ἄλλου κόσμου οὐ εἶχεν, εἶπεῖν· Τί λέγεις, φάσαι, ὦ Κῦρε; ἦ γὰρ σὺ ταῖς σαῖς χερσὶ τούτων τι ἐφύ - τευσα; καὶ τὸν Κῦρον ἀποκρίνασθαι· Θαυμάζεις τοῦτο, [ ἔφη, ] ὦ Λύσανδρε; ὄμνυμί σοι τὸν Μίθρην, ὅταν περ ὑγιαίνω, μηδέποτε δεῖ - πνήσαι πρὶν ἰδρῶσαι ἢ τῶν πολεμικῶν τι ἢ τῶν γεωργικῶν ἔργων μελετῶν ἢ ἅεῃ ἔν γέ τι φιλοτιμούμενος. καὶ αὐτὸς μέντοι ἔφη ὁ Λύσανδρος ἀκούσας ταῦτα δεξιῶσασθαι τε καὶ εἶπεῖν.  
(XENOFONTE. **Econômico IV, 23-25**)<sup>50</sup>

*Tum Lysandrum, intuentem purpuram eius et nitorem corporis ornatumque Persicum multo auro multisque gemmis, dixisse.* (CÍCERO. **Cato Maior** 59)<sup>51</sup>

A aproximação do crítico das duas passagens acima, mesmo que em primeira abordagem, revela já visualmente como o autor romano condensou e eliminou importantes detalhes do grego que ecoa: poderíamos citar como exemplos aleatórios o apagamento, por Cícero, dos dados físicos relativos às belas vestes e perfumes de Ciro,<sup>52</sup> os quais, quando muito, se diluem em sua prosa na menção à “púrpura dele” (*purpuram eius*);<sup>53</sup> ainda sobre o aspecto corporal do príncipe, *nitorem corporis* (literalmente, “beleza/ elegância do corpo”) repõe a ideia de uma harmonia visual decerto transmitida ao príncipe no original grego, mas, antes, advinda da própria beleza (κόλλος) de seus adornos, como as vestes, os colares, os braceletes e as demais joias de que se recobriria. Ainda, a incrédula pergunta de Lisandro a Ciro, com a resposta cabível, está ausente da passagem latina, com a consequente omissão dos detalhes relativos às várias maneiras que o príncipe disse amiúde empregar para exercitar-se – inclusive cultivando o jardim onde estavam – antes de “jantar” (δειπνήσαι). Tem-se, por fim, a forte impressão de que Cícero, depois de apropriar-se sem tanto rigor de aspectos constantes do início da dicção do grego na passagem aqui comentada, apenas torna a seguir-lhe os passos a partir do fim iminente do que ele tivera a dizer, ou seja, já ao propor-se a transcrever o cumprimento de Lisandro, depois de divisadas em conjunto a formosura de Ciro e a do jardim.

Δικαίως μοι δοκεῖς, ὦ Κῦρε, εὐδαίμων εἶναι· ἄγαθος γὰρ ὢν ὠηρεὺς εὐδαίμωνεῖς. (XENOFONTE. **Econômico** IV, 25)<sup>54</sup>

“*Rite uero te, Cyre, beatum ferunt, quoniam uirtuti tuae fortuna coniuncta est*”. (CÍCERO. **Cato Maior** 59)<sup>55</sup>

O final dos dois relatos, apesar de sua pequena extensão como acima os transcrevemos, apresenta-nos ainda significativos elementos para refletirmos a respeito dos modos de apropriação por Cícero do legado de Xenofonte, os quais nos parecem, temos insistido, bastante livres. Assim, a ideia contida na fala final de Lisandro corresponde, em Xenofonte, a enfatizar a justiça da felicidade de Ciro, já que, precisamente por ser um homem bom (ἄγαθος γὰρ ὢν ἄηρ), ele desfrutava dessa felicidade. Em Cícero, há que

se observar, introduz-se a noção de que os comentários sobre a felicidade do príncipe não são vãos, pois ele desfruta de uma propícia conjunção das boas disposições da fortuna/ sorte com o próprio valor pessoal. Ora, de novo remetendo-nos ao comentário de Powell, Cícero parece para ele, nesta específica passagem, ter-se talvez “equivocado” ao traduzir o original grego (2004, p. 229), não se descartando, ainda, as chances de que aqui ocorram influências peripatéticas nas concepções do autor a respeito das causas da felicidade. Como sabemos, tal questão toca no clássico debate da filosofia antiga a respeito de bastar ou não a virtude para a construção da felicidade humana (REALE, 2006, p. 465), ora ocorrendo propensões das Escolas – como no caso do estoicos – em favor dessa tese,<sup>56</sup> ora o distanciamento dela, em graus variados.

Assim, os peripatéticos entendiam que não seria possível dizer alguém feliz sem a concorrência de um mínimo de fatores contingenciais, alheios às suas atitudes, mas sem que isso significasse, em absoluto, o completo desmerecimento da virtude:

*No que concerne à escala de valores, Teofrasto apenas reafirmou o que Aristóteles já dissera, insistindo em alguns aspectos por razões de polêmica antiestoica e anti epicurista. Para ele, a virtude é o bem supremo, o bem que dá a felicidade, mas é condição necessária e não suficiente da felicidade. Para a felicidade concorrem também os bens do corpo e os bens exteriores. Estoicos e epicuristas iludem-se dizendo que o sábio pode ser feliz entre os tormentos: onde há tormento não há felicidade. Por isso Cícero critica-o asperamente (...). Sobre isso deve-se notar o seguinte: se Cícero acreditava que Teofrasto não estava em sintonia com o Peripato, é só porque não conhecia a **Ética Nicomaqueia** (até o tempo da edição dos esotéricos feita por Andronico, o Aristóteles lido, como veremos, era sobretudo o dos escritos exotéricos do período juvenil). Vimos, com efeito, que Aristóteles afirmava expressamente que a felicidade, além da virtude, “tem necessidade também dos bens exteriores”, e que “ninguém será verdadeiramente feliz se tiver a sorte de Príamo”.* (REALE, 2006, p. 124-125)

Sobre, propriamente, o aspecto narrativo, e não linguístico, de uma e outra passagem quando cotejadas, o traço mais notório da adaptação ciceroniana parece corresponder ao emprego mais parcimonioso do discurso



direto, apenas presente no autor latino quando da declaração de Ciro de responsabilizar-se ele próprio pelo “projeto” e, em parte, pela feitura do jardim, além de no elogio de Lisandro a ele por ser capaz de portar-se com tanto vigor e capacidade de canalização das próprias energias para fins nobres. Ora, Xenofonte, por sua vez, dera a palavra às duas personagens envolvidas nesses eventos por nada menos que em *cinco* ocasiões, correspondendo as três faltantes da versão ciceroniana também ao momento em que o lacedemônio declara extasiar-se da beleza de tudo o que vê e experimenta no horto, bem como da capacidade do responsável por todas aquelas maravilhas; além disso, também falta ao sucessor romano a hora de permitir à mesma personagem perguntar a Ciro sobre se ele, de fato, chegara a plantar certas árvores com suas mãos, bem como aquela de responder o príncipe que sim, pois não tinha o hábito de “jantar” sem dedicar-se antes a algum esforço físico, fosse ele de natureza militar, agrícola ou meramente competitiva... Evidentemente, essa mais destacada participação do discurso direto no original grego contribui para atribuir ao relato, segundo conduzido por Xenofonte, caráter de maior frescor e imediatez representativa, como se escutássemos as “próprias palavras” dos envolvidos.

Acrescentamos a essa diferença entre as narrativas de Cícero e Xenofonte aquelas de que a ambientação espacial e, mais perceptivelmente, a descrição física de Ciro também parecem destacadas no original grego: na verdade, a supracitada condensação pelo romano de várias ideias relativas à harmônica ordenação do espaço do jardim apenas com dizer *et directos in quincuncem ordines* (“e as fileiras alinhadas em quincunce”) contribui para este efeito, embora ele ainda acrescente, como vimos, certos detalhes relativos a estar o chão “lavrado e limpo”. Quanto à imagem corporal do príncipe, parece-nos evocá-la com grande concretude em sua “exuberância” oriental, aos olhos de gregos e romanos, antes de mais nada o fato de ter Xenofonte explicitamente enumerado tantas peças de vestuário ou adorno em direto contato com seus membros, como as “vestes”, “colares”, “braceletes” e outras indistintas “joias” (τοῦ ὄλλου κόσμου); ainda, as menções a seu hábito de exercitar-se sempre, apresentadas por suas próprias palavras, acabamos de dizer, favorecem ao menos *imaginá-lo* como alguém de porte atlético... Em contrapartida, na descrição de Cícero, exceto a referência à “púrpura”, que obviamente nos remete a uma cor da indumentária do príncipe, julgamos que se perdem em uma mais forte indistinção os detalhes da “elegância do corpo” (*nitorem corporis* – por qual espe-

cífico motivo?), e dos “adornos persas com muito ouro e muitas gemas”: afinal, no último caso, quais seriam eles? E, como se viu, Cícero omite por inteiro o fato de que Ciro ainda se apresentara *perfumado* a Lisandro...

Os exemplos e discussões que apresentamos permitem-nos esclarecer a importância do legado helênico e, sobretudo, de Xenofonte, para o Cícero do diálogo **Cato Maior**. Os mesmos elementos de nossa contribuição, esperamos, também contribuirão para fazer ver que o Arpinate não é servil em seu gesto de apropriação da cultura e desse autor estrangeiro que repercute, à medida que, por exemplo, suprime ou acrescenta pontos ao adaptar Xenofonte, modula-o a seu gosto, em mais de uma ocorrência possível, romaniza-o<sup>57</sup> ou resume... Tais atitudes desafiadoras da inalterada presença de Xenofonte nas linhas do **Cato Maior**, no entanto, não bastam para obscurecer a profunda admiração de Cícero diante dele, a qual se manifesta na obra, além de pelo número e importância das citações, mesmo pelas explícitas palavras de Catão, evidente *alter ego* ciceroniano no texto.<sup>58</sup>

#### CICERON LECTEUR DE XENOPHON: UN EXEMPLE D'APPROPRIATION DE LA CULTURE GRECQUE A ROME

*Résumé:* Dans cet article nous discutons comme à partir de la formation et des lectures des oeuvres grecques par Cicéron Xénophon d'Athènes a été incorporé au dialogue Cato Maior. Cette évidence est perçue, par exemple, dans le passage constitué par le paragraphe 59 de l'ouvrage latin, que Cicéron a adapté de l'Économique IV, 20 et seq.

*Mots-clés:* Cicéron; Xénophon; culture grecque; culture romaine; adaptation.

#### Documentação textual

ARISTOTELE. **I frammenti dei dialoghi**. A cura di R. Laurenti. Napoli: Loffredo, 1987. Tomo I.

AULO GÉLIO. **Noites áticas**. Trad. José Rodrigues Seabra Filho. Londrina: Eduel, 2010.

AVLVVS GELLIVS. **Noctes Atticae**: v. I, books 1-5. With an English translation by J. C. Rolfe. Cambridge, Mass. / London: Harvard University Press, 1927.

CÍCERO. **Cato Maior de Senectute**. Edited with introduction and commentary by J. G. F. Powell. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CICÉRON. **Caton l'ancien**. Texte établi et trad. par P. Wuilleumier. Paris: Les Belles Lettres, 1961.

CICÉRON. **De la vieillesse**. Texte établi et trad. par P. Wuilleumier, introduction, notes et annexes de J.-N. Robert. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

PLATÃO. **A república**. Trad. Leonel Vallandro. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

PLATO. Republic. In: PLATO. **Platonis Opera**. Ed. by John Burnet. Oxford: Oxford University Press, 1903. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=>

Perseus:text:1999.01.0167. – acesso em: 25/ 06/ 2013.

SÊNECA. **Apocolocyntosis; De prouidentia**. (Série “Cadernos Viva Voz”). Trad. Heloísa Penna, Maíra Borges Laranjeira, Matheus Trevizam e Bruno de Medeiros Gonzaga. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2010.

XENOFONTE. **Ciropédia**. Trad. João Félix Pereira. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1956.

XENOPHON. Cyropedia. In: XENOPHON. **Xenophontis Opera Omnia**: v. IV. Oxford: Clarendon Press, 1910 (repr. 1970). Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0203>. – acesso em: 25/ 06/ 2013.

XENOFONTE. **Econômico**. Trad. Anna Lia de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

XENOPHON. **Oeconomicus**: a social and historical commentary. With a new English translation by Sarah B. Pomeroy. Oxford: Clarendon Press, 1995.

## Referências bibliográficas

AGACHE, S. Caton le Censeur, les fortunes d'une légende. In: CHEVALLIER, R. (Org.) **Colloque histoire et historiographie**: Clío. Paris: Les Belles Lettres, 1980, p. 71-107.

ALMEIDA PRADO, A. L. Prefácio. In: XENOFONTE. **Econômico**. Trad. Anna Lia de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. V-XIV.

ANDERSON, J. K. **Xenophon**. London: Bristol Classical Press, 1974.

ANDRÉ, J.-M. **La philosophie à Rome**. Paris: Presses Universitaires de France, 1977.

- BOUFFARTIGUE, J. Du grec au latin: la traduction latine des «Sentences» de Sextus. In: SAÏD, S. (et al.). **Études de littérature ancienne**: Homère, Horace, le mythe d'Oedipe, les «Sentences» de Sextus. Paris: Presses de l'École Normale Supérieure, 1979, p. 81-95.
- CALVO, J. L. Platón. In: LÓPEZ FÉREZ, J. A. (Org.) **História de la literatura griega**. Madrid: Cátedra, 2000, p. 650-681.
- DE CARIA, F. Cicerone “Cato Maior” 6-8 e Platone “RSP”. 328e-330a. **Vichiana** 3, Napoli, fasc. I-II, p. 219-226, 1974.
- GIORDANI, M. C. **História de Roma**. Petrópolis: Vozes, 1968.
- HADOT, P. **O que é a filosofia antiga?** Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 1999.
- KAHN, C. H. **Plato and the Socratic dialogue**: the philosophical use of a literary form. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- LAURENTI, R. Introduzione. In: ARISTOTELE. **I frammenti dei dialoghi**. A cura di R. Laurenti. Napoli: Loffredo, 1987. Tomo I, p. 41-73.
- PARKIN, T. G. **Old age in the Roman world**. Baltimore/ London: The Johns Hopkins University Press, 2003.
- POMEROY, S. B. The “Oeconomicus” after Xenophon. In: XENOPHON. **Oeconomicus**: a social and historical commentary. With a new English translation by Sarah B. Pomeroy. Oxford: Clarendon Press, 1995, p. 68-90.
- REALE, G. **História da filosofia antiga**: v. III. Trad. Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2006.
- ROBERT, J.-N. Annexe 1. In: CICÉRON. **De la vieillesse**. Texte établi et trad. par P. Wuilleumier, introduction, notes et annexes de J.-N. Robert. Paris: Les Belles Lettres, 2003b, p. 99-103.
- ROBERT, J.-N. **Caton, ou le citoyen**. Paris: Les Belles Lettres, 2002.
- ROBERT, J.-N. Introduction. In: CICÉRON. **De la vieillesse**. Texte établi et trad. par P. Wuilleumier, introduction, notes et annexes de J.-N. Robert. Paris: Les Belles Lettres, 2003a, p. VII-XXV.
- RÓNAI, P. **A tradução vivida**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- RUCH, M. **Le préambule dans les oeuvres philosophiques de Cicéron**: essai sur la genèse et l'art du dialogue. Paris: Les Belles Lettres, 1958.
- STEVENS, J. A. Friendship and profit in Xenophon's “Oeconomicus”. In: WAERDT, P. A. V. (Org.) **The Socratic movement**. Ithaca/ London: Cornell University Press, 1994, p. 209-237.

TREVIZAM, M. Domínio e gerenciamento da propriedade familiar no mundo antigo: as contribuições de Catão Censor e Xenofonte. **Organon**, Porto Alegre, v. 22, n. 44/ 45, p. 103-116, jan.-dez. 2008.

WUILLEUMIER, P. Introduction. In: CICÉRON. **Caton l'ancien**. Texte établi et trad. par P. Wuilleumier. Paris: Les Belles Lettres, 1961, p. 9-79.

## Notas

---

<sup>1</sup> Um famoso artigo de Sylvie Agache já realizou a tarefa de “mapear” como a figura de Catão, o Velho, foi assimilada e reelaborada pela cultura e pela literatura latinas posteriores a seu longo tempo de vida. Remetendo o leitor interessado à leitura desta fundamental contribuição bibliográfica, limitamo-nos a lembrar que, além do diálogo ciceroniano aqui em pauta, homenagearam a figura de Catão, ao tematizá-lo ou incorporar influências suas às próprias obras, o Plutarco das **Vidas Paralelas**, os historiadores Políbio, Tito Lívio e Salústio, Plínio, o Velho, os imperadores Adriano e Marco Aurélio, Aulo Gélíio, São Jerônimo... (AGACHE, 1980, p. 71-107).

<sup>2</sup> Segundo anuncia **Cato Maior** 15, as “injustas” acusações contra a velhice dizem respeito: 1. a ela desviar das realizações práticas, 2. a enfraquecer os corpos, 3. a privar de todos os prazeres e 4. a corresponder esse tempo de vida a uma triste aproximação da morte – *Etenim, cum complector animo, quattuor reperio causas cur senectus misera uideatur, unam quod auocet a rebus gerundis, alteram quod corpus faciat infirmius, tertiam quod priuet [fere] omnibus uoluptatibus, quartam quod haud procul absit a morte.* – “Na verdade, quando me acerco com o espírito, encontro quatro motivos pelos quais a velhice parece infeliz, o primeiro que afastaria da realização de afazeres, o segundo que tornaria mais frágil o corpo, o terceiro que privaria de quase todos os deleites, o quarto que não distaria muito da morte” (todas as traduções do latim neste artigo, salvo aviso em contrário, são de responsabilidade do autor).

<sup>3</sup> “Seria ingênuo pensar que o diálogo, como gênero literário, saiu da cabeça de Platão, como Atena da de Zeus, com toda sua panóplia. Nenhum gênero surge espontaneamente. Por isso se buscou minuciosamente tudo aquilo que pudesse constituir um precedente. Assim, R. Hirzel faz um percurso por todas as formas miméticas anteriores, desde os próprios poemas homéricos, como se se tratasse de fontes que vão confluindo até formar a torrente do diálogo platônico. Evidentemente, tal abordagem é equivocada, mas não se pode negar que, ao menos, formas dramáticas como a Tragédia e a Comédia áticas e os Mimos de Sófron deveram influenciar Platão. Mas, além disso, Platão não é o único e, decerto, não foi o primeiro a escrever diálogos de conteúdo ‘filosófico’ com Sócrates como protagonista e com antagonistas

como Cálías, Alcibíades, etc. Embora não conservemos nenhum diálogo socrático não platônico, contamos com dados de sobra sobre a existência e abundância dos mesmos. O livro II de Diógenes Laércio oferece-nos a lista de todos os escritores socráticos e dos títulos de seus diálogos, entre os quais se destacam Gláucon, Sí-mias de Tebas, Fédon e Críton e, sobretudo, Ésquines socrático, de cujos sete diálogos – **Alcibíades, Aspásia, Axíoco, Cálías, Milcíades, Telauges e Rínon** – conservamos alguns fragmentos” (CALVO, 2000, p. 655 – todas as traduções de línguas estrangeiras modernas neste artigo, salvo aviso, são de responsabilidade do autor).

<sup>4</sup> Veja-se nota imediatamente anterior.

<sup>5</sup> Em que A. Laurenti, o organizador, aponta como características desta espécie dialógica, a partir de algumas indicações de Cícero, *disputare in utramque partem – pro e contra*, então (**De oratore** III 21, 80) –, haver proêmios (**Ad At.** IV 16, 2) e a condução do diálogo pelo autor, ou, no mínimo, com sua participação entre as personagens (**Ad At.** XIII 19, 3-4).

<sup>6</sup> Veja-se nota imediatamente anterior.

<sup>7</sup> “Mas em que consiste precisamente o *principatus* de Aristóteles? O **De Finibus** ciceroniano pode dar-nos uma indicação: o Estagirita criticava sem dúvida, sucessivamente, as opiniões dos demais interlocutores. Contudo, não quis necessariamente, como Cícero, permanecer cético. Pôde fazer explanações contínuas, raramente interrompidas por seus interlocutores, muitas vezes anônimos (como será o caso nas **Tusculanas** de Cícero)” (RUCH, 1958, p. 41).

<sup>8</sup> “No tocante, mais especificamente, a Platão, é preciso notar que, em primeiro lugar, seus diálogos repartem-se exteriormente entre narrativos e dramáticos. (...) Sobre esse ponto, é preciso em primeiro lugar retificar a distinção que fazem Diógenes Laércio (3, 50) e Plutarco entre diálogos dramáticos e diálogos narrativos, os primeiros reproduzidos diretamente, os outros veiculados por um narrador que, aliás, nunca é o próprio Platão. Na verdade, antes convém distinguir entre diálogos simples e diálogos integrados em um relato (ele mesmo reproduzido dramaticamente). O diálogo simples era mais fácil de compor: é o caso das primeiras obras de Platão (**Críton, Eutífron, Laques, Górgias**). O diálogo narrativo permite uma ação e uma arte do retrato mais complexas” (RUCH, 1958, p. 32 e 33).

<sup>9</sup> Jean-Marie André (1977, p. 54-55) oferece-nos a seguinte listagem progressiva das obras filosóficas de Cícero: 46- **Elogio de Catão/ Paradoxa**; 45- fevereiro: **Consolatio** (inspirada pela morte de Túlia); 45- maio a julho: **Academica/ Academica priora/ Academica posteriora**; 45- fim de junho: **De finibus**/ 45- junho a agosto: **Tusculanas**/ tradução do **Timeu** de Platão; 45- agosto: **De natura deorum**; 44- pouco antes ou depois dos Idos de março: **Cato Maior**; 44- em torno dos Idos de março: **De diuinatione**; 44- abril-maio: ideia do **De fato**; 44- verão: **Laelius De amicitia, De gloria**; 44-43- outono-inverno: **De officiis**.

<sup>10</sup> “Ao seguir uma tradição grega que admirava grandemente, Cícero fez mais do que apenas produzir um exercício refinado (e é preciso lembrar que se trata, antes de tudo, de uma obra literária, não de um documento social). Ele também tentou oferecer uma real *consolatio* para sua própria idade, acabrunhado e quase esmagado como estava, na época, por preocupações pessoais e incertezas políticas” (PARKIN, 2003, p. 64-65).

<sup>11</sup> Sêneca, posteriormente, dá ainda testemunho desta morte estoica em **De Prouidentia** (II, 11): “*Liquet mihi cum magno spectasse gaudio deos, dum ille uir, acerrimus sui uindex, alienae salutis consulit et instruit discedentium fugam, dum studia etiam nocte ultima tractat, dum gladium sacro pectori infigit, dum uiscera spargit et illam sanctissimam animam indignamque quae ferro contaminaretur manu educit*”. – “Tenho por certo que os deuses divisaram com grande alegria quando aquele varão, duríssimo algoz de si, ocupou-se da salvação alheia e preparou a fuga dos desertores, quando ainda se deu aos estudos na noite derradeira, quando fincou a espada no santo peito, quando espalhou as vísceras e libertou com o braço aquela alma augusta e não merecedora de ser contaminada pelo ferro” (trad. Matheus Trevizam e Bruno M. Gonzaga).

<sup>12</sup> “Mesmo idoso ele conserva um corpo de atleta, como bom romano que deve poder continuar a serviço da República. Rudeza física, mas também de caráter: ‘econômico, infatigável, intrépido, ele tinha, nota Tito-Lívio, um espírito e um corpo de ferro, a própria velhice que tudo desgasta não pôde quebrantá-lo’. Ainda, uma devoção total aos assuntos de Estado: atento para não desperdiçar nem as finanças públicas, nem um tempo de que se julga devedor, Catão permanece um exemplo lendário de abnegação no serviço à República. (...) Catão semelha as virtudes essenciais do homem de Estado romano ideal: à *integritas*, à *innocentia*, ele une a *constantia*, ou seja, a fidelidade a si mesmo. Tito Lívio faz disso o traço particular de sua personalidade. Isso está na base de sua autoridade. Isso faz crível sua luta contra o luxo e a severidade de sua justiça e de sua censura” (AGACHE, 1980, p. 74-75).

<sup>13</sup> Em janeiro de 49 a.C., César transpõe o Rubicão com suas legiões e tenta, em vão, evitar a fuga de seus adversários para o Oriente. Em abril, entra em Roma, onde domina completamente a situação e prepara a luta contra os inimigos (GIORDANI, 1968, p. 59).

<sup>14</sup> “*Adsum amicis, uenio in senatum frequens utroque adfero res multum et diu cogitatas easque tueor animi, non corporis, uiribus*”. – “Assisto meus amigos, vou ao senado com frequência, levo para lá, além disso, ideias muito e longamente refletidas e as defendo com as forças do espírito, não do corpo” (CÍCERO. **Cato Maior** 38).

<sup>15</sup> “*Quae enim uox potest esse contemptior quam Milonis Crotoniatae? Qui, cum iam senex esset athletasque se exercentis in curriculo uideret, adspexisse lacertos*

*suos dicitur illacrimansque dixisse: "At hi quidem mortui iam sunt". - Non uero tam isti quam tu ipse, nugator! Neque enim ex te umquam es nobilitatus, sed ex lateribus et lacertis tuis. Nihil Sex. Aelius tale, nihil multis annis ante Ti. Coruncanium, nihil modo P. Crassus, a quibus iura ciuibus praescribebantur; quorum usque ad extremum spiritum est prouecta prudentia". - "Que palavras, na verdade, podem ser mais desprezíveis que as de Milão Crotoniata? Ele, sendo já velho e vendo atletas a se exercitarem na pista de corrida, contam ter examinado os próprios braços e dito a chorar: 'Estes decerto já estão mortos'. - Não, de fato, tanto estes quanto tu mesmo, tolo! Nem, na verdade, jamais foste honrado por ti, mas por teus flancos e braços. Nada assim Sex. Élio, nada, muitos anos antes, Ti. Coruncânio, nada há pouco P. Crasso, pelos quais leis eram formuladas para os cidadãos; o bom senso deles se prolongou até o último suspiro" (CICERO. **Cato Maior** 27).*

<sup>16</sup> *"Saepe audiui ex maioribus natu, qui se porro pueros a senibus audisse dicebant, mirari solitum C. Fabricium, quod, cum apud regem Pyrrhum legatus esset, audisset a Thessalo Cineia esse quendam Athenis qui se sapientem profiteretur eumque dicere omnia quae faceremus ad uoluptatem esse referunda. Quod ex eo audientis M'. Curium et Ti. Coruncanium optare solitos ut id Samnitibus ipsique Pyrrho persuaderetur, quo facilius uinci possent cum se uoluptatibus dedissent". - "Com frequência ouvi dos ancestrais – os quais diziam tê-lo outrora ouvido de anciãos em sua meninice – que Caio Fabrício costumou admirar, sendo ele embaixador junto ao rei Pirro, ter sido informado pelo tésalo Cíneas haver alguém em Atenas que se dizia sábio, e que este declarava que todos os nossos atos devem referir-se ao prazer. E, ouvindo-o dele M. Cúrio e Ti. Coruncânio, costumarem querer que disso fossem persuadidos os samnitas e o próprio Pirro, para que mais facilmente pudessem ser vencidos, tendo-se entregue aos prazeres" (CÍCERO. **Cato Maior** 43)./ A personagem de Catão faz, aqui, uma crítica indireta ao Epicurismo, matriz de pensamento estrangeira e *contrária* a tantas bases da cultura romana...*

<sup>17</sup> *"Tarentum uero qua uigilantia, quo consilio recepit! Cum quidem me audiente Salinatori, qui, amisso oppido, fuerat in arce, glorianti atque ita dicenti: 'Mea opera, Q. Fabi, Tarentum recepisti!' – 'Certe', inquit ridens; 'nam nisi tu amisisses, numquam recepissem'". - "Tarento, na verdade, com que cuidado, com que prudência recobrou! Então falou rindo a Salinátor que, perdida a cidade, ficara na fortaleza, e se vangloriava e dizia assim em minha presença: 'Por minha causa, Quinto Fábio, recobreste Tarento' 'Decerto, pois se tu não a tivesses perdido, eu jamais a teria recobrado'" (CÍCERO. **Cato Maior** 11).*

<sup>18</sup> *"Foi dito que um escrito da Antiguidade sobre a velhice que não contenha um influxo da passagem de Platão "RSP". 328e-330a. é inconcebível: Cícero se insere bem nesta 'tradição' dos escritos περὶ γήρωος com o seu **Cato Maior**, obra cujos par. 6-8 são uma retomada direta da passagem platônica em questão" (DE CARIA,*



1974, p. 219). No entanto, como sabemos, data de 155 a.C. o contato conturbado de Roma com a filosofia, já que a visitaram em embaixada, então, Carnéades, o estoico Diógenes e o peripatético Critolau: apesar do sucesso de suas conferências com o público, o senado, *movido por Catão*, o Velho, teve por mais garantido coibir-lhes a estada na Cidade; não se podia, de fato, tolerar a liberdade de fala de homens “capazes de persuadir de tudo o que quisessem” (ROBERT, 2002, p. 286).

<sup>19</sup> Veja-se, a título de exemplificação: “Καὶ δὴ καὶ Σοφοκλεῖ ποτε τῷ ποιητῇ παρεγενόμενῃ ἐρωτωμένῳ ὑπὸ τινος: ‘πᾶς’, ἔφη, ‘ὦ Σοφοκλείς, ἔχεις πρὸς τῶφοροδίσια; ἔτι οἷός τε εἶ γυναικὶ συγγίγνε -σθαι’ καὶ ὅς, ‘εὐφήμεί’, ἔφη, ‘ὦ ἄθραυπε· ὀσμενέστατα μέντοι αὐτὸ ἀπέφυγον, ὥσπερ λυτῶντά τινα καὶ ὄγριον δεσπότην ἠποδρός’” – “Bem me lembro de uma ocasião em que estava junto de Sófocles, o velho poeta, e alguém lhe perguntou: ‘Como vais, Sófocles, no que diz respeito ao amor? És ainda capaz de estar com uma mulher?’ E ele: ‘O excelente dito de Sófocles’ respondeu: ‘Sossega, homem! Com a maior satisfação me livre dele, como quem se livra de um déspota furioso e selvagem’” (PLATÃO. **República** I, 329β-330ξ trad. Leonel Vallandro)./ “*Bene Sophocles, cum ex eo quidem iam adfecto aetate quaereret utereturne rebus ueneriis, ‘Di meliora!’ inquit; ‘libenter uero istinc sicut ab domino agresti ac furioso profugi’. Cupidis enim rerum talium odiosum fortasse et molestum est carere, satiatis uero et expletis iucundius est carere quam frui*”. – “Bem respondeu Sófocles, perguntando alguém a ele, decerto bem idoso, se se servia dos prazeres de Vênus: ‘Coisas melhores os deuses!’ ‘De bom-grado, na verdade, fugi disso assim como de um senhor selvagem e furioso’. Pois, para os desejosos, talvez seja detestável e incômodo carecer de tais prazeres; mas, para os satisfeitos e saciados, é mais agradável carecer que usufruir” (CÍCERO. **Cato Maior** 47).

<sup>20</sup> “*Super hac quaestione cum ab aliis, sicuti dixi, multis, tum uel diligentissime a Theophrasto disputatur, uiro in philosophia peripatetica modestissimo doctissimoque, eaque disputatio scripta est, si recte meminimus, in libro eius de amicitia primo. Eum librum M. Cicero uidetur legisse, cum ipse quoque librum de amicitia componeret.*” – “Sobre essa questão se disputa, quer da parte de muitos outros, assim como eu disse, quer até diligentísimamente da parte de Teofrasto, varão em filosofia peripatética modestíssimo e doutíssimo, e essa disputa foi escrita, se corretamente lembramos, em seu primeiro livro **Da amizade**. Marco Cícero parece ter lido esse livro, visto que ele próprio também compusesse um livro **Da amizade**” (AULO GÉLIO. **Noctes Atticae** I, III, 10-11; trad. José Rodrigues Seabra Filho).

<sup>21</sup> “Erquia, o demo, ou freguesia, onde a família de Xenofonte era oficialmente registrada, fica ao lado sul do monte Pentélico e ao leste do Himeto, provavelmente perto da moderna cidade interiorana de Espata, a algo mais de dez milhas de Atenas” (ANDERSON, 1974, p. 10).

<sup>22</sup> “Em Atenas, o *Paralus* chegou à noite e relatou o desastre. E um som de lamento cresceu do Pireu ao longo das Longas Muralhas em direção à cidade, enquanto cada homem passava a notícia ao próximo. Então, ninguém dormiu naquela noite, pois estavam-se lastimando, não só pelos homens que tinham sido perdidos, mas muito mais por si próprios, pensando que sofreriam o mesmo destino que tinham infligido aos mélios (que eram colonos dos lacedemônios), a quem conquistaram por cerco, e aos homens de Histieia, de Escfone, de Torone, de Egina e a muitos outros dos gregos. No dia seguinte, reuniram uma assembleia em que resolveram bloquear os portos, exceto um, olhar pelas muralhas, postar sentinelas e, em todos os demais aspectos, preparar a cidade para um cerco” (ANDERSON, 1974, p. 19; trad. J. K. Anderson).

<sup>23</sup> “Os escritos socráticos de Xenofonte (**Memorabilia, Apologia, Simpósio, Econômico**) são longos demais para serem examinados aqui. E não há razão para crer que esses escritos tiveram um impacto qualquer sobre Platão. Ao contrário, no assunto de Sócrates, Xenofonte parece um tanto quanto uma esponja, bebendo ideias, temas e até frases de Antístenes, Ésquines e Platão. Há que explicá-lo pelo fato de que, enquanto os demais socráticos estavam escrevendo nos anos 390 e 380, em dez ou quinze anos depois da morte de Sócrates, as obras socráticas de Xenofonte foram aparentemente compostas muito mais tarde, talvez nos anos 360, depois de a primeira geração da literatura socrática ter surgido” (KAHN, 1998, p. 29-30).

<sup>24</sup> Desde a juventude, por sinal, Cícero já demonstrara entusiasmo por outras obras de Xenofonte, por seu estilo e pelo **Econômico**, que traduziu [ALMEIDA PRADO, 1999, p. 14: O **Econômico**, segundo notícias que temos, foi traduzido por Cícero, o que mostra o interesse que despertou desde a Antiguidade. Sarah Pomeroy coloca: “Cícero, who was a contemporary of Philodemus, considered Xenophon’s ethical teachings so useful that he translated the **Oeconomicus** around 85 BC, when he was 20 (*De Off.* 2 87)” (POMEROY, 1995, p. 70)].

<sup>25</sup> “Enquanto a *pólis* é o âmbito do político e do público, *oikos* é o âmbito do privado, o espaço em que o indivíduo age como membro de uma família e, como tal, defende seus interesses particulares, tendo deveres a cumprir em relação aos membros de sua família, às tradições e também em relação aos seus bens. Nesse sentido, como membro de uma família, o indivíduo insere-se em seu *oikos* como o cidadão em sua *pólis* e, assim, pode-se dizer que o indivíduo está para o seu *oikos* assim como o cidadão está para sua *pólis*” (ALMEIDA PRADO, 1999, p. 9-10).

<sup>26</sup> “Em segundo lugar, Lísias menciona dois filhos de um Iscômaco com direito a bem mais de setenta talentos, que herdaram apenas dez talentos cada um, e diz que esta história data bem antes do momento do discurso, que é cerca de 388 (Lys. 19.45-46). Isso coincide com o retrato de Iscômaco como magnata imobiliário muito rico no **Econômico** (20.23-29)” (STEVENS, 1994, p. 219).

<sup>27</sup> “O **Econômico** é um *lógos oikonomikós*, um tratamento eminentemente prático sobre a economia, a arte de bem administrar o *oikos*, em que, usando o recurso literário da apresentação do tema sob a forma de diálogo, Xenofonte faz que Sócrates, durante um encontro com amigos, fale por ele em defesa de suas ideias (ALMEIDA PRADO, 1999, p. 9).

<sup>28</sup> Veja-se, a título de exemplificação: “Τοῦμόν γήρας οὐδεπώποτε ἡσθόμην τῆς ἐμῆς νεότητος ὡσθε -

νέστερον γιγνώμενον”. – “Na velhice não me senti menos vigoroso do que na mocidade” (XENOFONTE. **Ciropédia** VIII, 7, 6; trad. João Félix Pereira)./ “*Cyrus quidem apud Xenophontem eo sermone quem moriens habuit, cum admodum senex esset, negat se umquam sensisse senectutem suam imbecillio rem factam quam adulescentia fuisset*”. – “Ciro decerto, naquele discurso, em Xenofonte, que pronunciou ao morrer, sendo já bem velho, nega alguma vez ter sentido que se tornara mais frágil sua velhice do que fora a juventude” (CÍCERO. **Cato Maior** 30).

<sup>29</sup> Deste ponto em diante, sempre que nos referirmos a Powell e à sua obra de 2004, trata-se do comentário de Cambridge ao **Cato Maior**, texto, evidentemente, de autoria de Cícero.

<sup>30</sup> “Em Xenofonte, o objetivo do discurso de Ciro é persuadir seus filhos Cambises e Tanaoxares de comportar-se bem depois de sua morte, correspondendo seu argumento a não poderem eles ter certeza de que sua alma não sobreviverá para mantê-los em alinhado. Os argumentos pela imortalidade são introduzidos apenas para dar suporte a essa ideia, e a imortalidade é apresentada, do princípio ao fim, apenas como uma possibilidade. Cícero torna o discurso de tom mais dogmático e, embora conserve o argumento alternativo de que, mesmo no caso de não ser a alma imortal, os deuses ainda existem, altera completamente seu objetivo” (POWELL, 2004, p. 257-258). Veja-se, a título de exemplificação: “Οὐ γὰρ δήπου τοῦτό γε σαφῶς δοκεῖτε εἰδέναι, ὡς οὐδὲν ἔτι ἐγὼ ἔσομαι, ἐπειδὴ τοῦ ἀνθρωπίνου βίου τελευτήσω. Ὅυδὲ γὰρ νῦν τοι τήν γ' ἐμὴν ψυχὴν ἔωρᾶτε, ἀλλ' οἷς διεπράττετο, τούτοις αὐτὴν ὡς οὖσαν κατεφωρᾶτε.” – “Porque não penso que tenhais por certo que nada serei, quando tiver deixado de viver. Minha alma tem até agora estado oculta a vossos olhos; mas para as suas operações conhecíeis que ela existia” (XENOFONTE. **Ciropédia** VIII, 7, 17; trad. João Félix Pereira)./ “*Nolite arbitrari, o mihi carissumi filii, me, cum a uobis discessero, nusquam aut nullum fore. Nec enim, dum eram uobiscum, animum meum uidebatis, sed eum esse in hoc corpore ex iis rebus quas gerebam intellegebatis*”. – “Não acrediteis, filhos muito amados, que eu, quando vos deixar, em lugar algum ou nulo estarei. Nem, com efeito, enquanto eu estava convosco, víeis meu espírito, mas entendíeis que ele estava neste corpo por aquelas coisas que eu fazia” (CÍCERO. **Cato Maior** 79).

<sup>31</sup> “Ele também deixa de fora uma frase que era essencial para o argumento original, mas não tão desejável no contexto de Cícero (τὸς δὲ τῶν ὀδίκαια παθόντων ψυχῶς... ἐπιπέμπουσιν); a ideia do injusto a ser perseguido pelos fantasmas de suas vítimas teria acrescentado uma nota dissonante no otimismo geral do relato de Cícero sobre o estado das almas depois da morte” (POWELL, 2004, p. 258).

<sup>32</sup> “Realmente me espanto com a beleza disso tudo, porém invejo quem o planejou para ti e dispôs cada coisa em seu lugar” (trad. Anna Lia de Almeida Prado)./ CÍCERO, **Cato Maior** 59: *Tum eum dixisse mirari se non modo diligentiam, sed etiam sollertiam eius a quo essent illa dimensa atque discripta.* – “Então disse admirar não só o esforço, mas ainda a habilidade daquele pelo qual aquelas coisas tinham sido medidas e dispostas”.

<sup>33</sup> “Ταῦτα τοίνυν, ὦ Λύσανδρε, ἐγὼ πάντα καὶ διεμέτρησα καὶ διέταξα, ἔστι δ' αὐτῶν, φύαι, ἅ

καὶ ἐφύτευσα αὐτός.” – “Bem, Lisandro! tudo isso fui eu que planejei e dispus. Algumas árvores, disse, eu mesmo plantei” (XENOFONTE. **Econômico** IV, 22; trad. Anna Lia de Almeida Prado)./ “*Atqui ego ista sum omnia dimensus; mei sunt ordines, mea discriptio, multae etiam istarum arborum mea manu sunt satae.*” – “Mas eu mesmo tudo isto medi; são minhas as fileiras, minha a disposição, muitas ainda destas árvores foram plantadas por minhas próprias mãos” (CÍCERO. **Cato Maior** 59).

<sup>34</sup> “E Lisandro, olhando para ele e vendo a beleza das vestes, dos colares e braceletes e das outras joias que trazia, disse: ‘Que dizes, Ciro? Com tuas mãos plantaste uma dessas árvores? Ciro respondeu-lhe: “Estranhas isso, Lisandro? Juro-te, por Mitra! Quando estou bem de saúde jamais vou jantar antes de suar fazendo um exercício de guerra ou um trabalho agrícola ou então esforçando-me sempre para conseguir algo”’ (trad. Anna Lia de Almeida Prado)./ “*Tum Lysandrum, intuentem purpuram eius et nitorem corporis ornatumque Persicum multo auro multisque gemmis dixisse: ‘Rite uero te, Cyre, beatum ferunt, quoniam uirtuti tuae fortuna coniuncta est’.*” – “Então Lisandro, observando a púrpura dele, a elegância do corpo e os adornos persas com muito ouro e muitas gemas, falou: ‘Com bastante razão, Ciro, dizem-te feliz, pois a fortuna se uniu a teu valor”’ (CÍCERO. **Cato Maior** 59). A passagem latina, a partir do início da fala de Lisandro, não corresponde exatamente à grega até onde a transcrevemos, já que diretamente evoca os dizeres de Xenofonte em um momento *posterior* da anedota: “Καὶ αὐτὸς μέντοι ἔφη ὁ Λύσαν-

δρος ἀκούσας ταῦτα δεξιῶσασθαί τε αὐτὸν καὶ εἰπεῖν· Δικαίως μοι δοκεῖς, ὦ Κύρη, εὐδαίμων εἶ· ναί· ἀγαθὸς γὰρ ὢν ὡν ἡνὲρ εὐδαίμωνεῖς.” – “O próprio Lisandro declarou que, ouvindo isso, estendeu-lhe a mão e disse: ‘Penso que és feliz e isso é justo. Porque és um homem bom, és feliz”’ (trad. Anna Lia de Almeida Prado).

<sup>35</sup> Também importa ressaltar, segundo ideias morais de que “se colhe o que se planta”, que tais relatos paralelos de Xenofonte e Cícero surgem, em suas respectivas obras, em contextos de forte valorização da ruralidade e da própria prática do trato humano com a terra. Quanto ao primeiro, segundo observamos em certa ocasião de cotejo de seu **Econômico** com o **De agri cultura** catoniano, “identificando-se a posse e a exploração da terra com o meio mais tradicional e respeitado de ganho entre gregos e latinos, os benefícios daí advindos jamais se confundiriam com um lucro vergonhoso para os favorecidos: pelo contrário, o sucesso nas colheitas (ou na criação animal) seria antes um indício do valor dos senhores, já que, mesmo quando não fisicamente envolvidos com o plantio ou o pastoreio, imaginar-se-iam os bons resultados no mínimo como produtos de sua seriedade no trato com o patrimônio e os escravos” (TREVIZAM, 2008, p. 109). No autor latino de início citado, por sua vez, a anedota do encontro entre Lisandro e Ciro adentra uma parte refutatória do texto na qual se enaltecem os trabalhos agrícolas como alguns dos mais vivos e honestos prazeres *também* permitidos aos anciãos, de modo que os desejos de bem aproveitar a própria vida até o fim, em atividades nobres, além de material e moralmente compensadoras, neles encontram uma via possível. Ademais, as associações entre a probidade e a bonança advindas dos trabalhos rústicos são muito bem atestadas para nós, na cultura romana, pelo menos desde o prólogo do **De agri cultura** de Catão (“*At ex agricolis et uiri fortissimi et milites strenuissimi gignuntur; maximeque pius quaestus stabilissimusque consequitur minimeque inuidiosus, minimeque male cogitantes sunt qui in eo studio occupati sunt*”. – “Mas, dentre os que se dedicam à agricultura, saem homens do maior vigor e soldados da maior coragem; daí se obtém o ganho mais justo, seguro e o menos invejado, e minimamente insidiosos são os que se ocupam deste labor”). Portanto, Ciro representa, para os dois autores que assim o evocam em grego ou latim, uma imagem do valor moral generosamente recompensado *pela própria terra*.

<sup>36</sup> Segundo exemplos dados pelo próprio Rónai, “outra série de problemas é constituída pelas palavras holofrásticas. Dá-se o nome holófrases às palavras que exprimem noção peculiar a um idioma: a elas se faz muita referência em se tratando de línguas primitivas (*sic*). Em esquimó, por exemplo, além do termo geral que indica ‘foca’, existe outra palavra para indicar foca tomando sol; outra, foca sentada num bloco de gelo; e assim por diante, sem falar numa série de palavras que indicam as focas de diferentes idades. Segundo Ruth Kirk, autora de **Snow**, que viveu muito tempo entre esquimós, estes têm mais de duas dúzias de palavras em sua língua para designar diversas espécies de neve” (RÓNAI, 2012, p. 55).

<sup>37</sup> “Cícero, aqui, adapta com considerável liberdade Xen. **Oecon.** 4.20ff. Cícero, claramente, conhecia bem essa obra; ele tinha, em certa época, feito uma tradução ou (é mais provável) adaptação sua (cf. C. Virck, **Cicero qua ratione Xenophontis Oeconomicum Latine uerterit**, diss. Berlin 1914), mas não há motivo para supor

que ele cite literalmente de sua própria tradução aqui (cf. D. M. Jones, **BICS** 6 (1959) 25). No conjunto, a versão não apresenta, no trecho, muitos erros, embora uma parte inteira seja omitida, parecendo ainda haver um claro erro ao fim da passagem (veja-se abaixo a respeito de *uirtuti tuae fortuna coniuncta est*); variações menores são observadas abaixo. Cf. F. de Caria, **RCCM** 16 (1974) 321ff.; também notas sobre as outras traduções de Platão e Xenofonte nesta obra, par. 6-8 e 79ff” (POWELL, 2004, p. 224).

<sup>38</sup> “Dessa antinomia entre a fidelidade da tradução e a conformidade do texto traduzido à sua própria língua, os latinos tiveram a consciência mais clara possível. Eles foram os primeiros a ter, de um modo muito explícito, colocado o problema. F. Blatt distingue com direito o ‘liberalismo pré-cristão’ e a ‘literalidade cristã’. Ele tem razão de dizer que ‘nós não temos exceto bem poucas verdadeiras traduções dos tempos pré-cristãos, mas muitas paráfrases’. Ele dá como exemplos as justificativas teóricas de Cícero e suas realizações práticas. É justo, no entanto, acrescentar que Cícero contrapõe sua escolha de tradutor a uma outra possível: ele, Cícero, escolhe traduzir segundo os sentidos, e não segundo as palavras: ‘Non uerbum pro uerbo necesse habui reddere, sed genus omne uerborum uimque seruari. Non enim ea me adnumerare lectori putauí oportere, sed tamquam adpendere’. ‘Nec tamen exprimi uerbum e uerbo necesse erit, ut interpretes indiserti solent, cum sit uerbum quod idem declaret magis usitatum. Equidem soleo etiam, quod uno Graeci, si aliter non possum, idem pluribus uerbis exponere’. Muito melhor, ele busca traduzir segundo a totalidade dos sentidos oferecida pelo texto, visto que não tenciona deixar para trás a função expressiva ou poética de que o texto se imbuí: ele traduziu Demóstenes e Ésquines ‘nec... ut interpres, sed ut orator’” (BOUFFARTIGUE, 1979, p. 83).

<sup>39</sup> “Pois bem! Conta-se ainda que Ciro, quando Lisandro veio trazer-lhe os presentes da parte dos aliados, recebeu-o muito gentilmente, (...)” (trad. Anna Lia de Almeida Prado).

<sup>40</sup> “Ciro o jovem, rei dos persas, destacando-se pela capacidade e pela glória do poder, tendo Lisandro lacedemônio, homem do maior valor, vindo até ele em Sárdis e trazido a ele os presentes dos aliados, entre outras coisas foi amável e benévolo para com Lisandro, (...)”.

<sup>41</sup> “(...) de acordo com o que o próprio Lisandro contou um dia a um hóspede de Mégara, e, o que foi melhor, mostrou-lhe o paraíso que possuía em Sardes. Lisandro admirou-se de como eram belas as árvores. Estavam plantadas em distâncias iguais, as fileiras eram retas, (...)” (trad. Anna Lia de Almeida Prado).

<sup>42</sup> “e mostrou-lhe um campo cercado que se cultivava com esmero; mas, admirando Lisandro a altura das árvores, as fileiras alinhadas em quince (...)”.

<sup>43</sup> Para Powell (2004, p. 227-228), Cícero “romaniza” com o uso desta expressão as palavras de Xenofonte, não, porém, sem propriedade: “Cícero foi acusado de

esquecer que Ciro era um Persa, e de dar-lhe uma plantação de árvores romana; mas, sem dúvida, seu arranjo regular das árvores, como descrito por Xenofonte, aproximava-se do *quincunx*, e Cícero está apenas seguindo o costume romano comum de empregar termos romanos para objetos ou instituições equivalentes de outros lugares (como *senatus* para os conselhos de Atenas ou Cartago)”.<sup>44</sup>

<sup>44</sup> “(...) tudo formando ângulos regulares e muitos aromas suaves os envolviam enquanto caminhavam” (trad. Anna Lia de Almeida Prado).

<sup>45</sup> “o chão lavrado e limpo e a suavidade dos odores que se emanavam das flores”.

<sup>46</sup> “Maravilhado, disse: ‘Realmente me espanto com a beleza disso tudo, porém invejo quem o planejou para ti e dispôs cada coisa em seu lugar’” (trad. Anna Lia de Almeida Prado).

<sup>47</sup> “então disse admirar não só o esforço, mas ainda a habilidade daquele pelo qual aquelas coisas tinham sido medidas e dispostas; (...)”.

<sup>48</sup> “Ouvindo-o, Ciro alegrou-se e disse: ‘Bem, Lisandro! Tudo isso fui eu que planejei e dispus. Algumas árvores, disse, eu mesmo plantei’” (trad. Anna Lia de Almeida Prado).

<sup>49</sup> “e Ciro respondeu: ‘Mas eu mesmo tudo isto medi; são minhas as fileiras, minha a disposição, muitas ainda destas árvores foram plantadas por minhas próprias mãos’”.

<sup>50</sup> “E Lisandro, olhando para ele e vendo a beleza das vestes, dos colares e braceletes e das outras joias que trazia, disse: ‘Que dizes, Ciro? Com tuas mãos plantaste uma dessas árvores?’ Ciro respondeu-lhe: ‘Estranhas isso, Lisandro? Juro-te, por Mitra! Quando estou bem de saúde jamais vou jantar antes de suar fazendo um exercício de guerra ou um trabalho agrícola ou então esforçando-me sempre para conseguir algo’. O próprio Lisandro declarou que, ouvindo isso, estendeu-lhe a mão e disse: (...)” (trad. Anna Lia de Almeida Prado).

<sup>51</sup> “Então Lisandro, observando a púrpura dele, a elegância do corpo e os adornos persas com muito ouro e muitas gemas, falou: (...)”.

<sup>52</sup> Por motivo ignorado, a tradutora do **Econômico** que aqui temos transcrito omite este dado sensorial (καὶ τῆς ὀσμῆς ἀισθόμενος - “e sentindo o perfume”) em sua própria versão do relato de Xenofonte.

<sup>53</sup> Com a menção ao “ouro” e às “gemas” dos adereços de Ciro, por sua vez, o autor romano não tanto enfatiza *quais* sejam esses, como fizera Xenofonte ao referir-se explícito aos “colares” e “braceletes”, mas, sobretudo, *com que matéria* se elaboraram.

<sup>54</sup> “Penso que és feliz e isso é justo. Porque és um homem bom, és feliz” (trad. Anna Lia de Almeida Prado).

<sup>55</sup> “Com bastante razão, Ciro, dizem-te feliz, pois a fortuna se uniu a teu valor”.

<sup>56</sup> “Pode-se definir de outro modo a oposição entre o domínio da ‘moral’ e o domínio do ‘indiferente’. Será moral, então, isto é, bom ou mau, o que depende de nós; será indiferente o que não depende de nós. A única coisa dependente de nós é, com efeito, nossa intenção moral, o sentido que atribuímos aos acontecimentos. O que não depende de nós corresponde ao encadeamento necessário de causas e efeitos, isto é, ao destino, ao curso da natureza, às ações dos outros homens. São, assim, indiferentes a vida e a morte, a saúde e a doença, o prazer e o sofrimento, a beleza e a fealdade, a força e a fraqueza, a riqueza e a pobreza, a nobreza e o vulgo, as carreiras políticas, porque tudo isso não depende de nós” (HADOT, 1999, p. 195-196).

<sup>57</sup> Além do que se apresentou na nota 43 sobre o emprego da ideia romana de “quin-cunce” por Cícero, ao adaptar a passagem do horto de Ciro do grego, também a omissão da imagem de estar perfumado este soberano pode ser compreendida como decidida reação do autor latino a um “intolerável” estrangeirismo (oriental) de costumes [POWELL, 2004, p. 229: “Os perfumes são omitidos; Cícero, sem dúvida, via-os como um sinal de luxo excessivo, especialmente para homens, embora acrescentem mais peculiaridade à surpresa de Lisandro no original”].

<sup>58</sup> “*Multas ad res peritiles Xenophontis libri sunt; quos legite, quaeso, studiose, ut facitis*”. – “Os livros de Xenofonte são utilíssimos para muitas coisas; lede-os, por favor, com interesse, como fazeis” (CÍCERO. **Cato Maior** 59).